

Arqueologias Marajoaras Apresentação

Marajoara archaeologies Presentation



Helena Pinto Lima

Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, Pará, Brasil

helenalima@museu-goeldi.br



Cristiana Barreto

Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, Pará, Brasil

cristianabarreto@gmail.com



Marcelle Rolim de Souza Lima

Secretaria de Educação do Estado do Pará, Belém, Pará, Brasil

marcellerolim@gmail.com

1

Resumo: O Marajó é o maior arquipélago flúvio-marítimo do planeta, lugar onde o grande rio Amazonas abraça o Atlântico. Superlativos não são o bastante para descrever essa extensa região que abriga paisagens de campos, florestas, manguezais, em uma imensurável diversidade biocultural. Além de extensa e diversa, o Marajó abriga histórias milenares e culturas pulsantes: heranças de 3 mil anos de ocupações indígenas que se fundem com conhecimentos de comunidades quilombolas e ribeirinhas. Povos lutadores, que vivem e interagem com a natureza de forma única. Do chamado Marajó dos campos, no leste do arquipélago, navegando até o Marajó das Florestas cerca de 400 km rio acima, reunimos neste dossiê artigos e experiências de pessoas que têm relações de pesquisas e vivências nessa extensa região. Arqueologias Marajoaras (ambos

Recebido em 07 de dezembro de 2025. Aceito em 09 de dezembro de 2025.

no plural) evidenciam a proposta deste conjunto de textos, que é a de tocar saberes e conhecimentos diversos que vão muito além das pesquisas acadêmicas e incorporar as muitas histórias e vozes marajoaras que ressoam patrimônios culturais do presente e do passado. O Marajó foi um dos primeiros e mais pesquisados territórios por sucessivas iniciativas de projetos arqueológicos. A exuberância das cerâmicas e a monumentalidade dos sítios de certa forma dominaram a produção científica e colocaram o Marajó no centro de debates sobre a ocupação humana da Amazônia, sua antiguidade, sua complexidade e modos de vida.

Conhecida mundialmente desde fins do século XIX, a arqueologia marajoara ganhou um caráter científico com as pesquisas sistemáticas da pesquisadora estadunidense Betty Meggers e seu marido, Clifford Evans nos anos de 1940. Eles queriam entender processos de mudança cultural e adaptação ambiental das populações marajoara do passado que produziram as elaboradas cerâmicas Marajoaras, que já tinham sido descritas por naturalistas e etnógrafos viajantes (Meggers e Evans 1957; 1961).

As pesquisas de Meggers inauguram o debate sobre a existência de antigas sociedades complexas na Amazônia e sua relação com o ambiente da Floresta Tropical. Esta relação foi tida, num primeiro momento, como negativa, sendo a Amazônia então interpretada como um ambiente escasso em recursos e que impossibilitaria, portanto, o desenvolvimento local das sociedades humanas (Meggers e Evans 1957). Essa perspectiva logo mudaria a partir das pesquisas em outras áreas da Amazônia (Lathrap 1970) e no Marajó especificamente, através da pesquisadora, também norte-americana, Anna Roosevelt (1991).

Roosevelt estudou a área estuarina do Marajó entre os anos de 1980 e 1990 e combateu os modelos deterministas e degeneracionistas de Meggers, assumindo as populações Marajoaras como sociedades complexas, com hierarquias bem estabelecidas e agricultura. Após Roosevelt, os estudos no Marajó ficaram a cargo da brasileira Denise P. Schaan, uma arqueóloga que atuou tanto na Universidade Federal do Pará quanto no Museu Paraense Emílio Goeldi, tendo realizado um trabalho extensivo no Marajó e em várias outras regiões, deixando um importante legado para a arqueologia amazônica.

Schaan realizou o primeiro estudo sobre a linguagem iconográfica da cerâmica Marajoara (1997), trazendo reflexões importantes sobre a simbologia das artes marajoaras, a existência

de figurações relacionadas com a biodiversidade local e com possíveis relações sociais e políticas nestas antigas sociedades. Atualmente os estudos iconográficos, em um diálogo cada vez mais profícuo com a Etnologia ameríndia e a antropologia da arte, abrem novas janelas interpretativas para as relações cosmopolíticas das sociedades do passado e suas diferentes interações com a sociobiodiversidade (Barreto 2009; Nobre 2017, Oliveira 2022), bem como sobre a centralidade assumida pelas artes marajoaras na formação de uma identidade amazônica e na construção de narrativas e memórias afetivas entre os atuais coletivos amazônicos (Barreto 2020; Bezerra 2018, Linhares 2017).

Boa parte da arqueologia marajoara se centra no leste do arquipélago, embora importantes trabalhos venham mostrando que outras regiões são igualmente profícuas. O arquipélago do Marajó tem um longo histórico de ocupação humana, remontando a pelo menos 4 mil anos (Hilbert et al. 2023), mas seus habitantes pré-coloniais mais conhecidos são aqueles que a Arqueologia convencionou chamar de Marajoara, assim como a cerâmica testemunha dessas ocupações. Importantes levantamentos no chamado Marajó das Florestas, a Oeste, foram publicados por Schaan e Martins (2010), além das pesquisas do Museu Paraense Emílio Goeldi. Em Gurupá, Lima e colegas conduziram um projeto de arqueologia colaborativa inaugurando, na região, uma nova forma de atuação social a partir da arqueologia (Lima et al 2020, Pace e Lima 2024). No sul do arquipélago, na Floresta Nacional de Caxiuanã, a equipe do Museu Goeldi desenvolveu estudos pioneiros sobre as Terras Pretas Ancestrais, que são solos arqueológicos muito férteis, de origem indígena (Kern 1996) e registraram sítios arqueológicos com grande diversidade de ocupações, com cerâmicas relacionadas aos estilos Marajoara, Koriabo, entre outros, evidenciando amplas redes de interação e fronteiras culturais (Lima e Barreto 2016).

Como se vê, o arquipélago possui uma sociobiodiversidade peculiar e justamente pretendemos, com este dossiê, evidenciar as “Arqueologias Marajoaras” como ferramentas de luta e valorização das histórias e culturas desse imenso Marajó. Este dossiê se originou de um simpósio realizado no encontro da regional norte da Sociedade de Arqueologia Brasileira em novembro de 2023, e a reunião dos textos que o compõem foi se construindo ao longo dos anos seguintes até se materializar nesta parceria com a Revista Hawò, em 2025.

Ele se dá em um momento de muitas retomadas, tanto das pesquisas arqueológicas, agora partindo de demandas locais, como de movimentos identitários de resgate de relações de pertencimento aos territórios marajoaras embasados no direito à memória, conhecimento e gestão do patrimônio cultural.

O volume reúne tanto textos acadêmicos resultantes de pesquisas em diferentes contextos marajoara, com textos com caráter mais historiográficos, personalistas, como também as próprias vozes marajoaras em versos e na forma de um manifesto potente tratando da repatriação de bens arqueológicos.

Apesar de o Marajó ter sido um dos primeiros e mais pesquisados territórios por projetos arqueológicos, é surpreendente como a construção deste conhecimento do passado tenha sido em grande parte dissociada do presente e do futuro da região, algo que vem mudando a partir de parcerias e novas demandas das próprias comunidades.

Pode-se dizer que as últimas pesquisas sistemáticas que envolveram levantamentos de sítios e escavações arqueológicas foram as realizadas por Denise Schaan nos anos 2000. No artigo “Pesquisas arqueológicas em Anajás, Marajó, Pará” Helena Lima e colegas do Museu Goeldi e da Universidade Federal do Pará apresentam o processo de retomada desse tipo de pesquisas em

Anajás, num projeto que nasce da demanda da própria comunidade e avança com a produção de conhecimento em um rio transicional entre o Marajó das Florestas e o Marajó dos Campos. Além do resgate de urnas funerárias que se encontravam em situação de alto risco, o projeto tem promovido ações de socialização com as comunidades e, em parceria com o projeto Amazônia Revelada, feito o mapeamento de sítios utilizando a tecnologia LiDar, que vem revolucionando a arqueologia na Amazônia.

A apresentação dos diários de Peter Paul Hilbert no Marajó, aqui apresentados por seu filho, o também arqueólogo Klaus Hilbert, revela justamente outro lado da pesquisa, em um relato emocionante e sensível às paisagens e gentes marajoaras. “A Grande Igaçaba” da Cultura Marajoara: o diário da sua descoberta, de Peter Paul Hilbert”, aqui apresentado com rico material fotográfico compõe um conteúdo inédito sobre a pesquisa arqueológica no Marajó. O caderno de campo foi escrito em alemão no decorrer da excursão científica que fez ao Marajó junto com Betty Meggers e Clifford Evans em 1949. Essa pesquisa resultou na escavação de uma urna funerária no teso Monte Carmelo e que hoje se encontra no Museu Paraense Emílio Goeldi em Belém, já tendo figurado em muitos catálogos e exposições, já teve sua história de vida contada (Souza Lima et al, 2020) e uma réplica dela reproduzida.

É também sobre os bastidores das pesquisas arqueológicas que Lucas Araújo retrata as relações entre o político e pesquisador Domingos Ferreira Penna, considerado o precursor da pesquisa científica no Marajó, e pesquisadores norte-americanos que lideraram expedições à ilha em busca das famosas cerâmicas na década de 1870. O artigo “A ocupação humana da ilha de Marajó como problema científico: Domingos Soares Ferreira Penna (1818-1888) e as origens da arqueologia marajoara” mostra as tentativas de proteger os tesos e seus vestígios em meio a tensões

e contradições de uma rede de relações da elite científica, nacional e internacional, tecida em torno da obtenção de coleções e da disputa pela liderança na construção de conhecimento.

Em “Bem viver marajoara: indígenas Marajoara e identidade nacional brasileira”, Anna Maria Alves Linhares mostra como a elite nacional brasileira elegeu a arte marajoara como emblema da identidade nacional desde o século 19 e mostra as reverberações na sociedade brasileira e nos cuidados com o corpo até os dias de hoje.

A temática das coleções domésticas – peças cuidadosamente reunidas e guardadas por pessoas e comunidades – tão presentes no Marajó, não poderia deixar de aparecer. Neste caso, o artigo de Azevedo, Maués e Alves aborda a criação de um museu de base comunitária, o Museu do Arari, como parte de ações culturais estratégicas em parceria com moradores da região e financiado por iniciativas de fomento à cultura.

A parte mais acadêmica do dossiê encerra com um ensaio bastante didático elaborado por Daiana Travassos Alves e Erêndira Oliveira onde revisam os estudos voltados à iconografia e estilo da cerâmica marajoara, para explorar como tem sido estabelecida a relação entre os grafismos e a cosmopolítica dessas sociedades.

Por fim, a sessão seguinte apresenta dois documentos potentes. O Manifesto Marajoara assinado por Cilene Oliveira, Ronaldo Guedes e Cristiana Barreto, e “O dia que o rio Anajás secou” um poema de autoria de Rossimar da Nóbrega, anajaense, professor e entusiasta da arqueologia, que traz questões das mudanças climáticas a partir de versos e imagens. Eles ilustram, de maneira contundente, o protagonismo das populações marajoaras sobre as novas arqueologias a serem desenvolvidas na região.

Esperamos que este conjunto de textos produzidos por muitas mãos, todas carregando em comum relações de vivência, estudo e trabalho na Amazônia Marajoara, não seja apenas

um registro, mas uma ferramenta importante na preservação da memória do Marajó do passado e do presente. Sempre em torno da arqueologia, os artigos aqui apresentados se somam às vozes contemporâneas que urgem pela crítica necessidade de colaboração entre diferentes sujeitos e os diversos setores da sociedade para enfrentar a crise climática atual. Acreditamos que aprendendo com a história indígena, as culturas quilombola e ribeirinha, poderemos imaginar futuros mais promissores para o nosso imenso Marajó.

Agradecemos a Emerson Nobre pelo desenho que ilustra a capa deste dossiê.

Referências

BARRETO, Cristiana. **Meios místicos de reprodução social: arte e estilo na cerâmica funerária da Amazônia antiga**. 2009. 317 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) — Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

BARRETO, Cristiana. Do teso marajoara ao sambódromo: agência e resistência de objetos arqueológicos da Amazônia. **Boletim do Museu Goeldi Ciências Humanas**, v. 15, n.3, 2020.

BEZERRA, Marcia. Com os cacos no bolso: o colecionamento de artefatos arqueológicos na Amazônia brasileira. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 38, p. 85-99, 2018.

HILBERT, Klaus Peter; POMPEU, Filipi Gomes de. Relações animistas e ontologias relacionais em sítios arqueológicos. **Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, v. 17, n. 2, 2023.

KERN, Dirce Clara. **Geoquímica e pedogeoquímica em sítios arqueológicos com Terra Preta na Floresta Nacional de Caxiuanã (Portel-PA)**. UFPA, Belém, 1996. 119p. (Tese de doutorado).

LATHRAP, Donald. **The Upper Amazon**. London: Thames & Hudson, 1970.

LIMA, Helena Pinto; BARRETO, Cristiana; BETANCOURT, Carla Jaimes (org.). **Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese**. Belém: IPHAN / Museu Paraense Emílio Goeldi, 2016. p. 668.

LIMA, Helena Pinto et al. Oca, origens, cultura e ambiente: uma proposta de arqueologia colaborativa em Gurupá/PA. **Revista Arqueologia Pública**, v. 14, n. 1, p. 96-128, 2020.

LINHARES, Anna Maria Alves. **Um grego agora nu: índios marajoaras e identidade nacional brasileira**. Curitiba: CRV, 2017.

MEGGERS, Betty; EVANS, Clifford. **Archaeological investigations at the mouth of the Amazon**. Washington, D.C.: Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology (Bulletin 167), 1957.

MEGGERS, Betty; EVANS, Clifford. An experimental formulation of horizon styles in the tropical forest of South America. In: LOTHROP, Samuel (org.). **Essays in pre-Columbian art and archaeology**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1961. p. 372-388.

NOBRE, Emerson. **Objetos e imagens no Marajó antigo: agência e transformação na iconografia das tangas cerâmicas**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

OLIVEIRA, Erêndira. **Estéticas da transformação: iconografia e estilo da cerâmica policroma da Amazônia**. 2022. Tese (Doutorado em Arqueologia) — Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

PACE, Richard; LIMA, Helena Pinto (orgs.). **Crônicas de uma comunidade amazônica: oito décadas de pesquisa e envolvimento em Gurupá, Pará**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2024. 472 p.

ROOSEVELT, Anna C. **Moundbuilders of the Amazon:** Geophysical Archaeology on Marajó Island, Brazil. San Diego: Academic Press, 1991.

SCHAAN, Denise Pahl; MARTINS, Cristiane Pires (org.). **Muito além dos campos:** arqueologia e história na Amazônia Marajoara. Belém: GKNORONHA, 2010.

SOUZA LIMA, Marcelle Rolim; BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena Pinto. História de vida de uma urna marajoara: reconectando contextos e significados. **Revista de Arqueologia**, v. 33, n. 3, p. 396-418, 2020.